

1

SANTOS REIS: FESTA, PODER E MEMÓRIA (Governador Mangabeira-Ba 1970-2000).

ALEX SANDRO DA CONCEIÇÃO BRANDÃO

(UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS/
CAMPUS V – SANTO ANTONIO DE JESUS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL
Mestrando)
Alexsbrandao2@hotmail.com

RESUMO

Estudar os festejos em louvor aos Santos Reis consiste em analisar o significado desta manifestação de caráter religioso e popular marcante no Recôncavo Baiano, especificamente para os moradores da Comunidade Rural de Aldeia, (Governador Mangabeira) na sua maioria composto por afros descendentes e, que tem os Reis Magos como padroeiros da referida comunidade. Além disso, tentar perceber como essas pessoas compreende e reage ao processo de reinvenção que a tradição de festejar os três reis magos vem passando ao longo do tempo por uma necessidade de se readaptar a um novo contexto, uma vez que as tradições não significam sobrevivência de antigas formas e práticas congeladas no tempo, mas sim sua capacidade de agregar e articular novos elementos sem perder de vista sua essência.

Outra questão que permeia este trabalho perpassa por investigar e analisar a teia de relações e tensões sociais e políticas presentes dentro desta manifestação da cultura popular local, bem como, analisa das memórias e dos registros em louvor a Santos Reis, problematizando as relações entre o sagrado e o profano enquanto constitutivas dos modos de vida dos grupos sociais daquela comunidade.

Palavras-chave: Festa, poder e memória.

SANTOS REIS: FESTA, PODER E MEMÓRIA (Governador Mangabeira-Ba 1970-2000).

ALEX SANDRO DA CONCEIÇÃO BRANDÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS/
CAMPUS V – SANTO ANTONIO DE JESUS

INTRODUÇÃO

Na primeira metade do século XX, se verificou um movimento de renovação teórico-epistemológico no campo da historiografia, principalmente na França na década de 1930, com a Escola dos Annales liderada por Lucien Febvre e Marc Bloch, que procuraram alargar o campo de atuação do historiador, no qual a história política e militar foi cedendo espaços para a história econômica, a história social, a história cultural, enfim, a história constrói um corpo teórico metodológico que visa abarcar todo o fazer humano, chegando a dimensões jamais possíveis e aceitas pela filosofia positivista, pelo fato de acreditarem que não poderiam ser historicizadas.

É nesse contexto de reformulações, no campo da historiografia, que os conceitos de método de investigação, de objeto, de documentos utilizados para a construção de discursos sobre o passado, foram ampliados para além do documento escrito e oficial, ou seja, o historiador passa a fazer uso das diversas linguagens produzidas pelo homem para escrever a história. Este percurso historiográfico se fez necessário para demonstrar que pesquisar sobre a festa de Santos Reis em Governador Mangabeira, utilizando como recurso metodológico essencialmente a análise de narrativa oral e fotografias só se tornaram possível, em função das reviravoltas provocadas no campo historiográfico com o surgimento da Nova História que procurou dá enfoque à pluralidade das experiências humana, ampliando as perspectivas de abordagens históricas, evitando assim a simples narrativa estanque dos fatos, sem a mínima interferência do pesquisador sobre eles. Além do direcionamento da pesquisa para tudo aquilo que é resultado do construto humano, a Nova História alargou a noção de fontes históricas, possibilitando assim, ao pesquisador chegar a minúcias impensáveis pela história oficial e positivista, como enfatiza Bloch:

A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele. É curioso constatar o quão imperfeitamente as pessoas alheias a nosso trabalho avaliam a extensão dessas possibilidades. É que continuam a se aferrar a uma idéia obsoleta de nossa ciência: a do tempo em que não se sabia ler senão os testemunhos voluntários. Criticando a “historia tradicional” por deixar na penumbra “fenômenos consideráveis”, porém”

prenhes de conseqüências, mas capazes de modificar a vida futura do que os acontecimentos políticos, (...).¹

Trazer para a discussão no campo da historiografia, uma manifestação da cultura popular, praticada em uma comunidade rural do Município de Governador, composta na sua maioria por afro descendente, homens e mulheres comuns, que não dominavam a linguagem escrita, onde seus costumes, suas experiências são transmitidas de geração para geração matizada pela oralidade, não seria possível sem o repensar das fontes para dar conta de eventos que são produzidos pelos homens fora do campo político, mas “prenhes” de relevância para a sociedade. Porém, foi a partir da década de setenta do século passado que o estudo sobre as manifestações festivas ganharam um espaço específico na produção historiográfica, onde através das festas os historiadores procuravam compreender uma coletividade, suas atitudes, seus hábitos, enfim, seus modos de vida.

Neste sentido, tornou-se central nesta pesquisa, a utilização da fonte oral como recurso metodológico primordial para se chegar a dimensões do cotidiano, destes sujeitos comuns, inatingíveis pela macro abordagem, “pois há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar; eventos do passado que só eles podem explicar, visitas sumidas que só eles podem lembrar”, (SAMUEL, 1990, P.220). Isto, portanto, não significa excluir outras possibilidades, nem chamar para ela o centro da verdade histórica em detrimento de outras fontes, mas pensar que a fonte oral, traz contribuições valiosíssimas para a ampliação do fazer história, até porque, todas as fontes são resultados do construto de sujeitos históricos, sendo assim, não existem fontes melhor que a outra, existem sim fontes históricas diferentes que em suas particularidades contribuem para o enriquecimento da produção historiográfica possibilitando a construção de respostas para novos problemas colocados pela dialética humana, sem perder vista, a necessidade de uma interpretação rigorosa destas fontes, não as transformando em monumentos, pois elas são seletivas e produzidas num campo de forças, portanto, não podemos tomá-las como representação da verdade dos fatos, como enfatiza Ginzburg:

¹ BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944. Apologia da Historia, ou, O ofício do historiador. Tradução, André Telles. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 2001. p. 78-79.

(...) Ao avaliar as provas, os historiadores deveriam recordar que todo ponto de vista sobre a realidade, além de ser intrinsecamente seletivo e parcial, depende das relações de força que condicionam, por meio da possibilidade de acesso à documentação, a imagem total que uma sociedade deixa de si. Para “escovar a história ao contrário” como Walter Benjamin exortava e fazer, é preciso aprender a ler os testemunhos às avessas, contra as intenções de quem os produziu. Só dessa maneira será possível levar em conta tanto as relações de força quanto aquilo que é irredutível a elas.²

A memória oral, assim como o documento escrito, constitui-se numa colcha de retalhos que para ter seus pedaços articulados, é preciso encontrar o fio condutor associado a um esforço de interpretação do pesquisador, que fazendo boas perguntas, poderá encontrar boas respostas para melhor compreender e discutir o objeto em estudo, tendo em vista, que a memória é dinâmica e o ato de lembrar não significa trazer à tona os fatos como aconteceram, pois a memória é seletiva, e recordar é sempre um ato do presente, influenciado pelas questões do presente, por isso, um evento histórico jamais será lembrado da mesma forma por várias pessoas, uma vez que cada um filtra o que deve ser lembrado e relatado. Sobre esse processo de recordação, é válido o diálogo com Portelli:

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais³

A memória não pode ser entendida como um baú cheio de experiências acumuladas esperando que sejam “resgatadas”, mantendo a sua pureza, como se a pessoa que estivesse recordando, não tivesse nenhuma interferência no que é lembrando, como se a memória fosse algo estanque, que não sofre a interferência de outras temporalidades e novos contextos. Mas, é necessário pontuar que há uma grande diferença entre o fato ocorrido e o fato lembrado, pois recordar é uma ação do presente que se utiliza de fagulhas de fatos passados, uma vez que os fatos não são vividos novamente, eles são reinterpretados mediante o contexto em que as pessoas estão inseridas, descartando assim, elementos que não são considerados pertinentes para esse novo contexto.

² GINZBURG, Carlo. Relações de força: história, retórica, prova. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 43

³ PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas Reflexões sobre a Ética na História Oral. In. Projeto História n. 15, Ética e História Oral. São Paulo; EDUC. 1997. P. 16

SANTOS REIS: A RESSIGNIFICAÇÃO DA TRADIÇÃO

A festa de Santos Reis simboliza um momento de alegria e de esperança para o catolicismo popular pelo fato de completar o ciclo de comemorações em homenagem à chegada do filho de Deus, o Salvador, ao mundo. Essa manifestação de caráter religioso popular se engendra no ciclo das comemorações natalinas, realizadas no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro, momento do encontro dos três Reis Magos com o menino Jesus e de divulgação para toda sociedade da chegada do filho de Deus. Segundo o pesquisador Guilherme Porto,

Folia de Reis pode ser entendido como os cortejos de caráter religioso popular, que se realiza em vários estados do Brasil, entre o Natal e a Festa de Reis (06 de janeiro), reproduzindo idealmente a viagem dos Magos a Belém, para adorar o Menino Jesus⁴

Nesse período da natalidade, ainda é comum os ternos de Reis saírem pelas casas da vizinhança, cantando e tocando músicas sagradas e profanas para louvar esse ciclo de comemorações marcado pelo nascimento de Cristo, ritual não é mais praticado na festa em estudo. Arelado aos festejos da natalidade encontra-se os presépios que se constitui numa representação do local do nascimento de Cristo. Os presépios são ornamentados com uma série de objetos que simbolizam os presentes levados ao menino Jesus e também, o reforço de um pedido ainda não alcançado pelos devotos dos Reis Magos. Podemos perceber nos presépios uma interseção de elementos sacros e profanos, principalmente quando as pessoas representam a necessidade de uma interferência divina na solução de seus problemas sociais, econômicos, de saúde, ou seja, a esperança de alcançar a graça por dias melhores, até porque também representam a chegada do novo ano e com ele toda a expectativa de realização dos sonhos.

Entre as tradições populares trazidas pelos colonizadores para o Brasil, o Reisado e os presépios talvez tenham sido as manifestações que mais se perpetuaram, conseguindo manterem-se vivas, em algumas partes do Brasil. Sem dúvida, este fato associa-se a capacidade, a criatividade e a dinâmica com que o povo cria, recria,

⁴ PORTO, Guilherme. As Folias de Reis no Sul de Minas. Rio de Janeiro. MEC-SEC. FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1982. p. 7.

6

extingue e ressuscita elementos das festividades de caráter religioso popular mediante novos contextos, originando assim outros significados, porém, sem perder de vista a sua essência, pois como enfatiza Pessoa, “sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias”, (PESSOA, 2005, P. 39) por isso, passado e presente, novo e velho são realidades inseparáveis como constitutivas dos modos de viver e de festejar do povo, de modo que a tradição é transmitida de geração para geração perpetuando as memórias e os valores da cultura popular que se ressignificam cotidianamente.

Discutir a festa de Santos Reis a partir da memória dos moradores da comunidade rural de Aldeia consiste em perceber quais os significados desta manifestação de caráter religioso e popular para estes sujeitos históricos, e como eles entendem e participam do processo de ressignificação que a mesma vem sofrendo ao longo do tempo como estratégia de se situar em um novo contexto produzido pela dialética humana do viver em sociedade. Neste sentido, é pertinente pensar que as tradições não significam a persistência de velhas práticas ou rituais no interior de uma manifestação da cultura popular como a festa de Santos Reis, mas a sua capacidade de agregar e articular novos elementos, construindo assim, novos significados, uma vez que as tradições não são fixas, rígidas, pelo contrário, elas são móveis, intercambiáveis, tendo em vista que são constitutivas dos sujeitos sociais em um dado momento histórico. Nesta perspectiva, são significativas as palavras de Oliveira:

A tradição existe em função do presente. Trata-se, em outras palavras, de uma construção, que utiliza símbolos para criar uma imagem do passado. É um conceito dinâmico, na medida em que o seu resgate depende da ação no presente. Por isso, a tradição é sempre re-elaborada, re-inventada⁵

“Todo homem é filho do seu tempo”, da mesma forma, as manifestações criadas por eles terão as características deste tempo presente, dos homens do presente e a festa de Santos Reis está no bojo desta dinâmica social, por isso, não podemos pensá-la como resistência, mas sim, como um diálogo constante entre o passado e o presente, um forte imbricamento entre o novo e o velho, resultando desta forma em uma tradição (re) significada. A festa em louvor a Santos Reis estar viva justamente pela sua capacidade de se reinventar e não pelo apego uma prática ritualística congelada no tempo.

⁵ OLIVEIRA, Selma Felipe de. A Construção da Tradição. Cultura volume 4 nº 01, junho de 1996. p. 129.

Trabalhar com as memórias, dos moradores da comunidade rural de Aldeia, é comum encontrarmos narrativas que não se percebe nessa nova configuração que a festa tem hoje, rememorando sempre um tempo de glória que não se faz presente nesse reinventar-se, como fica patente nas narrativas abaixo:

É! Era grandiosa mesmo. Pergunte a esse pessoa mais velho pra você saber o que era a festa de Aldeia. **Era atrasado o lugar mas foi festa.** Era uma festa rapaz! **Não essa de hoje não, era festa mesmo!** Esse ano mesmo teve a festa, nunca foi igual a antigamente, já tinha o próprio tocador de foguetes, hoje tudo é diferente, **antes era o foguete de flecha, hoje é de caixa né.**

Oxém! Era coisa demais, era e se fizer, só basta fazer imitando como era um festão, **porque no dia primeiro tinha fogos, vinte e um tiros**, três horas da manhã, acordava o povo todo, o povo já tava ciente com a festa e **hoje chega dia seguinte da festa ninguém fica sabendo**⁶

A festa de Santos Reis, assim como qualquer outra manifestação festiva é resultado do construto humano, isto implica dizer que elas mudam quando o comportamento humano é modificado em função de novas conjunturas, pois a modernidade exige uma “nova tradição” (**Era atrasado o lugar, mas foi festa**) que talvez tenha chegado à comunidade rural de Aldeia com a energia elétrica, o trio elétrico que respectivamente modificaram o cotidiano das pessoas daquela comunidade, bem como, a forma de fazer a festa profana, que até então era baseada nas lavagens que seguiam o ritmo das fanfarras que visitava a casa dos moradores levando a mensagem dos Três Reis Magos através de cânticos e benditos. Porém, com a chegada do trio elétrico, essas lavagens foram desaparecendo, tende em vista que este concentra a população na praça, não tendo condições arrastar multidões pelas estradas de chão como fazia as bandas de sopro. Antes, tinha uma pessoa determinada para tocar o foguete, possivelmente por ser de flecha, apresentar certo perigo para o tocador e também para as pessoas que estavam participando da celebração, por isso, a necessidade de ser uma pessoas com habilidade a fim de evitar possíveis acidentes. Mas, é pertinente pensar na construção do lugar social do outro, quem tocava o foguete? Por que foi escolhido? Quem escolheu? Que representações se tinham sobre o papel de tocar foguetes?

Hoje com o foguete de caixa, a referência do fogueteiro parece ter se perdido pelo fato de qualquer pessoa poder dispará-los. O fogueteiro, ele tinha o papel de anunciar no alvorecer do dia primeiro, para toda comunidade que os festejos em louvor

⁶ Jovino Frateles. Depoimento gravado em dezembro de 2005.

8

a Santos Reis estavam começando, de certa forma, um papel de relevância na organização da festa e, uma figura indispensável para a ritualística e grandiosidade do festejo. Nesse processo de reinvenção da tradição, alguns elementos desapareceram, outros foram reelaborados, hoje não tenha mais a figura específica do tocador de foguetes, de modo que as pessoas não têm mais como se orientar através dos fogos para o começo e final da festa, precisando constituir novas formas, novos parâmetros de orientação que não são visualizados nas narrativas em análise.

Pensar a Festa de Santos Reis no âmbito da cultura popular consiste em pensar as fraturas, contradições, tensões existentes no seu interior, uma vez que sofreu a influência da cultura africana, indígena e européia, de ressignificações de elementos da cultura erudita, o que contribuiu para a pluralidade de elementos que compõem esta manifestação popular, que se desenrolou fora das amarras do catolicismo oficial. E, que além de representar uma válvula de escape para compensar o corpo e alma das cansativas jornadas de trabalho na roça, proporciona também um espaço de encontro, de troca de informações e, por conseguinte espaço de construção e manutenção de costumes e tradições que são socializados entre os diferentes grupos que compartilhavam da mesma festividade, pois como enfatiza Del Priore, “Espaço de múltiplas trocas de olhares, de tantas leituras e de tantas funções políticas e religiosas, a festa e o seu calendário transformaram-se, no período colonial, na ponte simbólica entre o mundo profano e o mundo sagrado”.(PRIORE, 2000, P. 126)

A festa enquanto produção de identidade de um povo e de um lugar representa e simboliza um momento de sociabilidade, de interação e integração, entre os diferentes que dela participam, é também o espaço da disputa de poder, que se faz presente através da manipulação de símbolos, como a organização da própria festa, que é uma questão marcante nos festejos de Santos Reis em Governador mangabeira. Nesse sentido, é preciso pensar a festa como esse espaço da produção humana, como parte do seu cotidiano e não como uma realidade oposta, que é pensada, materializada no bojo das relações sociais, que atende a uma diversidade de funções, espaço de disputa de poder, demarcação e delimitação territórios. Nesta perspectiva, é pertinente o diálogo com Guarinello:

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e

comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes.⁷

A festa também é um espaço de construção de valores, de normas coletivas, de sociabilidade, de encontros de casais, de paqueras, de estudo da cultura do povo, por isso, não pensa-la simplesmente na perspectiva do desordenado onde tudo pode ser feito sem regras de convivência e de ordenamento do espaço festivo. Espaço de sociabilidade, de interação das diferenças sociais, ou seja, festa é um termo amplo que precisa ser levado em conta todas essas variedades e especificidades do conceito, principalmente quando se refere à festa popular, a fim de evitar equívoco como a noção de purismo de unicidade, mas levar em conta a simbiose com elementos de outras culturas que são reinventados no interior da mesma.

A FESTA DE SANTOS REIS E A FAMÍLIA DIAS

A tradição do catolicismo popular de louvar os três Reis Magos, chegou ao Brasil com os colonizadores portugueses, espalhando-se por várias regiões da colônia, construindo identidade própria em cada região que se desenvolveu. Porém, em Governador Mangabeira, através da análise da narrativa, de alguns depoentes, essa manifestação se constitui na comunidade de Aldeia atrelada a Família Dias, que por muito tempo se encarregou da organização da mesma, através do senhor Genis Dias que era uma espécie de chefe local, que mediante a manipulação de símbolos como a festa em louvor a Santos Reis, se configura como um líder daquela comunidade. Neste sentido, é pertinente a análise da narrativa do senhor Jovino Frateles:

“ Quem começou a organizar a festa foi **um cidadão chamada Norberto Caiana. Era pessoa dos Dias também, mas era fraco** (poucas posses). No tempo de Norberto Caiana, no tempo de burrinha de beira mar e bumba boi, **era o tempo de festa de pobre. Ai ele sai com a santa cruz esmolando (pedindo dinheiro para fazer a festa).**”

(...) ai saia com a santa cruz esmolando (...) eles saiam e corriam esse mundo todo e quando era no dia três pro dia quatro eles vinham chegando com o dinheiro que tinha arrecadado e ai ia fazer a festa. Ai

⁷ GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In. JANCSÓ; KANTOR. Festa: Cultura e Sociabilidade na América portuguesa. 2v. SP: Hucitec, 2001. v. 2, p. 972

foi indo, foi indo, **o tempo foi passando os padres eu não sei quem foi embargou de saírem pedindo e ai os homens fazendeiro começou fazendo, Genis Dias, Vava Mascarenhas eram os mestre daí da festa.**⁸

A análise dessa narrativa traz indício da presença da Família Dias na organização da festa, primeiramente com o senhor Norberto Caiana, irmão bastardo de Genis Dias, além de ser caracterizada nesse primeiro momento como festa de pobre, pelo fato de ter apenas as burrinhas de beira mar e o bumba meu boi, ou seja, ainda a festa não era mercada pela presença dos músicos que vinha de outra cidade, uma vez que apesar de ser dos Dias, Norberto Caina **era fraco**, não dispunha de uma base econômica sólida para fazer um investimento maior na festa. Outro aspecto importante evidenciado na narrativa é uma das formas utilizada pela comunidade para angariar recursos para fazer a festa, sair com a Santa Cruz pelas casas das pessoas da comunidade e também, outros lugares arrecadando dinheiros e donativos que eram vendidos no leilão e o lucro era destinado para pagamento das despesas geradas na produção da festa e também para recuperar a igreja. Porém, com a interferência de fazendeiros na produção da festa como Genis Dias, a prática de sair com a Santa Cruz foi aos poucos sendo abandonada, já que este dispunha de condições econômicas para patrociná-la agregando novos elementos à manifestação como a contratação de músicos que vinha de Bomfim de Feira⁹ para tocar nos seis dias de festa.

Os Dias são uma família descendente de proprietários de escravos, possuidora de fazendas, gados, um grande número de agregados que vivia em função do árduo trabalho nas suas terras como rendeiro, meeiro ou simplesmente vendendo dias de trabalho, além claro, de grande influencia política na região. A relação entre a Família Dias e a Festa de Santos Reis, se constitui a partir de varias dimensões, pois para além de contratar os músicos, ficando estes hospedados em sua casa, era comum o senhor Genis Dias doar a roupa para as mulheres se vestirem de baianas para dançarem nas lavagens, matar um boi do seu rebanho e repartir entre os moradores da comunidade rural de Aldeia, socorrer as pessoas nos momentos de dificuldade, principalmente financeira. Esses investimentos na festa, associados a suas ações na comunidade, lhes rendia um grande respeito por parte dos moradores que ao longo do tempo foi

⁸ Jovino Frateles. Depoimento gravado em dezembro de 2005.

⁹ Bomfim de Feira, corresponde a um Distrito da Cidade de Feira de Santana

11

construindo várias representações sobre Ele, como uma figura indispensável para que a festa de Santos Reis acontecesse.

Na verdade, tudo isso perpassa pela construção de uma teia de relações na qual o poder do Senhor Genis Dias ficou evidenciado não através da força, típica dos antigos coronéis, mas sim mediante a manipulação de símbolos como a festa de santos Reis, onde as pessoas reconhecem e legitimam seu poder, ou seja, seu poder é encenado, teatralizado, como pontua Balandieu:

O poder estabelecido unicamente sobre a força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial. (...) ¹⁰

Portanto, é preciso pensar o poder em uma perspectiva relacional, procurando evidenciar as diversas formas e estratégias pelas quais ele se faz presente no interior da festa de Santos Reis, onde a relação dominador - dominado é produzido dentro de um campo de força, permeado por interesses diversos de ambas as partes.

Pensar a festa de Santos Reis a partir das memórias dos moradores da comunidade rural de Aldeia, consiste e perceber como ela vem se ressignificando ao longo de sua história, tendo em vista que o passado não é vivido novamente no presente, ele tem continuidade, da mesma forma acontece com as manifestações festivas, que se reinventam para se adequarem a uma nova realidade, até porque nada impõe que as manifestações culturais têm que ser como outrora, já que estas são resultados da produção do cotidiano de sujeitos históricos influenciados pelo meio social e cultural em que estão inseridos. As mudanças fazem parte da dialética humana, quando os homens mudam, as coisas que resultaram da sua criatividade também se transformam, visando atender outros anseios, em uma conjuntura nova e a festa de Santos Reis, neste sentido, não pode ter as mesmas características dos seus primeiros organizadores, porque tradição não significa resistência ao novo, mas justamente a sua flexibilidade e

¹⁰ BALANDIEU, Georges. O Poder em Cena. Universidade de Brasília, Brasília, 1982. p. 7.

12

capacidade de agregar novos elementos ressignificando-os com velhas formas, sem perder de vista sua essência.

REFERÊNCIAS

BALANDIEU, Georges. O Poder em Cena. Universidade de Brasília, Brasília, 1982.p.

BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo; Editora Unesp, 1992.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944. Apologia da História, ou, O ofício do historiador. Tradução, André Telles. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 2001.

BURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. São Paulo: Bertrnad Brasil, 1998.

CARVALHO, Ailton Ribeiro de Carvalho. *Tradição e Memória dos Ternos de Reis na Cidade de Jequié*. In: AGUIAR, Edinalva Padre (org.) Recortes de Memória, cultura, Tradição e Mito em Vitória da Conquista e Região. Museu regional de Vitória da Conquista. Ilhéus: UESB, 2002.

GAGNEBIM, Jeanne Marie. Verdade e Memória do Passado. Projeto História, nº 17. Novembro. 1998.

13

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Festa, Trabalho e Cotidiano*. In: JANCSÓ; KANTOR. *Festa: Cultura e Sociabilidade na América portuguesa*. 2v. SP: Hucitec, 2001. v. 2.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Folia de Reis: Liturgia do povo recriando o mistério da vida*. In: PATROTA, Rosangela (org.) *Histórias e Historiografia: perspectiva contemporânea de investigação*. Universidade de Uberlândia, programa de pós-graduação em história. EDUF 2003.

OLIVEIRA, Selma Felipe de. *A Construção da Tradição*. *Cultura* volume 4 nº 01, junho de 1996.

PRIORE, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. Editora Brasiliense. São Paulo 2000.

PORTO, Guilherme. *As Folias de Reis no Sul de Minas*. Rio de Janeiro. MEC-SEC. FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1982.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas Reflexões sobre a Ética na História Oral*. In: *Projeto História* n. 15, *Ética e História Oral*. São Paulo; EDUC. 1997.

SAMUEL, Raphael. *História Local e História Oral*. In: *Revista Brasileira de História*. V. IX, Nº 19 São Paulo, fevereiro de 1990.

THOMPSON, E, P. *Costumes em comum*. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.